

Problematizando a organização do ensino de História¹

Helenice Aparecida Bastos Rocha²

A AULA DE HISTÓRIA

Atuando como professora nas disciplinas de Prática de Ensino e Metodologia do Ensino de História no ensino superior, venho procurando uma alternativa ao que se refere o tópico “aula” como conteúdo de ensino e aprendizagem nessas disciplinas. Os alunos chegam ali, na segunda metade de seu curso, ansiosos para enfim saber tudo que se refere à prática de ensino e se decepcionam, ao encontrar um curso em que, segundo eles, ainda se vai “teorizar” sobre a aula. O ponto de partida, no que se refere a esse tópico, é que a aula é uma forma de organização do ensino na escola, envolvendo um planejamento - realizado mais formal ou informalmente – como também a própria realização e conseqüente avaliação. Por conseguinte, é necessário considerarmos todas essas dimensões do fazer seu planejamento. Para muitos alunos - sedentos de aula na prática – o tratamento desse tema fica inadequado. Mas minha preocupação se situa além dessa expectativa não atendida prontamente.

Que lugar temos conferido à aula na organização das disciplinas das licenciaturas incumbidas de tratar diretamente desse conteúdo? Tomo como um breve exemplo possível uma de suas referências bibliográficas, por conta de sua ampla aceitação e uso por nós, docentes, na formação de professores, a obra de Libâneo: *Didática*. Nela, o autor trata da aula no *capítulo 8* “A aula como forma de organização do ensino”, focalizando-a de forma parcialmente isolada e no *capítulo dez*, “O planejamento escolar” em que, em uma seqüência lógica caminha do “plano da escola” ao “plano de aula”, passando pelo “plano de ensino”, procurando demonstrar a articulação entre esses diferentes planejamentos (Libâneo, 1992). Apesar dessas tentativas, tem-se a impressão de que a aula, concretamente, está isolada do seu planejamento e

¹ Uma versão reduzida deste texto foi apresentada originalmente no Simpósio Nacional da Anpuh Paraíba, 2003 com o título *Problematizando o Ensino de História*.

² UERJ – UFF- Colégio Pedro II

de sua avaliação, do mesmo modo que o plano de aula só se articula artificialmente ao plano de ensino e ao planejamento escolar. O objetivo aqui não é o de realizar a crítica dessa obra específica. Nem de exigir de uma obra com fins didáticos (portanto limitados) uma articulação que deveria ou poderia estar em nossas aulas, mas o de procurar captar na expressão um fenômeno que ocorre em nosso pensamento e ação, qual seja, uma visão compartimentada da aula.

A segunda fonte de preocupação está na própria prática do professor cuja turma é acompanhada pelo aluno em seu estágio, enquanto referência de aula e de seqüência de ensino. Muitas vezes, se é possível perceber alguma continuidade entre as aulas, ela está mais no fato de ser o mesmo professor que ministra as aulas, ou a mesma turma que as recebe, ou pelo fato de o professor percorrer o mesmo caminho ou rotina a cada aula, ou uma eventual interrupção do conteúdo que continua na aula seguinte. Na aula de História, há ainda, mesmo que fracamente, o vínculo entre períodos históricos e a seqüência cronológica dos fatos históricos a ensinar, algumas vezes não explorados. Ou seja, para o aluno do curso de História, os vínculos entre os conteúdos são construídos fora da aula, pelo seu próprio conhecimento.

A partir dessa vivência, os alunos com quem venho atuando têm manifestado a concepção de que cada aula fecha uma unidade em si mesma, o que é evidenciado em seus relatórios de estágio. Dessa maneira, quando chega o dia de ministrar sua aula prática - a partir da informação do professor da turma sobre o conteúdo a trabalhar (pequenos blocos de conteúdos) - o aluno-mestre prepara uma aula que cabe naquele tempo específico de noventa minutos, sem se preocupar com o que veio antes e nem depois (em termos de conteúdos abordados, objetivos de ensino e aprendizagem e nem mesmo qual a aprendizagem anterior existente ou necessária). Utiliza o mesmo tipo de aula exaustivamente ministrada, a aula expositiva monolítica: Primeira República Brasileira, Grécia Antiga, Expansão Marítima. A aula do aluno-mestre funcionará como um apêndice da aula do professor.

Não está sendo feita aqui uma crítica ao trabalho realizado pelos professores das turmas de estágio e muito menos ao dos alunos de nossos cursos, formados por nós. O ensino que vem sendo produzido é o resultado dinâmico de determinadas condições sócio-históricas que fogem ao escopo

deste trabalho. A preocupação manifesta é com os efeitos da formação oferecida aos alunos dos cursos de formação de professores de História, como aquele em que atuo. A partir daí, venho buscando alternativas ao estado da questão retratada sumária e parcialmente aqui. É uma alternativa concreta a este quadro o que apresento a seguir, ainda em fase inicial de realização, mas com resultados promissores.

O CONTEXTO DE REALIZAÇÃO DA IDÉIA

Mesmo com restrições da natureza do objeto de ensino ou da tradição escolar no ensino de História, nas últimas décadas do século XX, alguns autores do campo do ensino de História (Knauss, 1996, Grinberg, 2000, Cardona, 2002), e inclusive o documento dos Parâmetros Curriculares Nacionais de História, expressaram algumas possibilidades de transformação do ensino de História, apontando especialmente aspectos metodológicos da História a serem implementados na sala de aula (e entre eles, especialmente referidos a conteúdos procedimentais), como a realização de pesquisa por parte dos alunos do ensino fundamental e médio.

Em síntese, o argumento usado é que, se grande parte do conhecimento histórico escolar está estruturado e precisa ser conhecido, é possível acessá-lo de forma que não seja exclusivamente através da exposição do professor, mas usando alternativas de busca de informações, como a pesquisa. Essa pesquisa também se voltaria à análise de fontes – material básico de análise do historiador - como exercício de interpretação e de crítica do aluno. Tais orientações representam uma contribuição interessante e produtiva ao ensino de História e a sua didática. Entretanto, minha compreensão é que elas não se referem ao núcleo do problema, que é a estrutura da aula de História. Ou correm o risco de serem apropriadas em um quadro que considere a aula de forma isolada, o que leva o futuro professor a apenas incorporar elementos isolados a aulas isoladas, como atividades de análise de fragmentos de textos, ou tarefas de avaliação de pesquisa sobre determinados temas para nota.

Nas décadas finais do século XX houve propostas de organização didática em torno de unidades de ensino e de centros de interesse, o que

organizava também os planos de curso e de aula. Assumimos aqui uma nomenclatura surgida da proposta de organização das aulas a partir de três perspectivas que podem se complementar: **atividades permanentes, projetos e seqüências didáticas.**³

Atividades permanentes devem ser realizadas regularmente (todo dia, uma vez por semana ou a cada 15 dias). Elas têm um lugar mais ou menos fixo nos protocolos de aula e servem para familiarizar os alunos com determinados conteúdos e constituir práticas, tais como a leitura e a escrita.

O projeto didático é uma modalidade de organização das aulas que muitas vezes se confunde com os projetos institucionais (que envolvem a escola toda). Suas principais características são a existência de um produto final e objetivos mais abrangentes. Normalmente, por serem temáticos, representam uma possibilidade de trabalho interdisciplinar, mas correm o risco de tratarem os conteúdos programáticos de forma superficial.

A seqüência didática é uma proposta em que professor e aluno realizam atividades que se constituem como passos da aula ou de um conjunto de aulas. Cada passo permite que o próximo seja realizado. O objetivo é focalizar conteúdos mais específicos que os dos projetos temáticos..A continuidade planejada entre as atividades caracteriza a seqüência didática. Na proposta que fazemos, essa continuidade se remete ao estabelecimento de conteúdos de relevância e atividades variadas, do professor e também do aluno, que permitem seu ensino e aprendizagem.

Propomos ainda uma seqüência didática “problematizadora” (SDP) com uma dupla carga semântica: tanto a da metodologia didática de problemas, quanto a da história-problema (Burke, 1992, 1998). Isso se justifica porque essa alternativa foi inspirada inicialmente em elementos da pedagogia de projetos. A partir daí, foi reestruturada para o ensino de História, levando em

³ Para saber mais sobre essas alternativas de organização da aula e conhecer um exemplo de articulação entre elas na aula de história, ver: GUIMARÃES, Arthur, O quebra-cabeça das modalidades organizativas, *Rev. Nova Escola*, Edição Especial, 01/2009 [citado 2009-10-12], Disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/planejamento-e-avaliacao/planejamento/quebra-cabeca-426234.shtml>

conta seu objeto, sua metodologia específica, as linguagens que transitam em torno desse objeto e dessa metodologia.

Vamos recuperar a sequência que uma professora organizou para trabalhar o tema Introdução à História, que inclui a relação entre os tempos (passado, presente e futuro); a diferença entre passados próximo e remoto; fontes e marcos históricos, cronologia e formas de registro do tempo.

Leia com atenção o quadro abaixo, que mostra o registro da sequência das aulas pela pesquisadora:

Quadro de atividades com registro de sequência didática

Nº hora s aula	TEMAS CONTEÚDOS	ATIVIDADES	DETALHAMENTO
02	Introdução à História - passado recente - passado remoto	1. Anterior: desenhos sobre passado (recente e remoto) 2. Exposição oral e elaboração coletiva de noções; 3. Escrita simultânea de quadro comparativo sobre passado recente e passado remoto; 4. Conclusão oral pela professora e escrita de síntese no quadro;	<ul style="list-style-type: none"> • A professora organizou a atividade 1. a partir de desenhos feitos pelos alunos (tarefa de casa anterior) e analisados previamente por ela; • Escrita no quadro pela professora/ cópia no caderno pelos alunos;
01	Introdução à História - passado recente - passado remoto	1. Exercício	<ul style="list-style-type: none"> • Escrita no quadro pela professora/ cópia e realização no caderno pelos alunos;
02	Introdução à História - sentido do estudo da História	1. Exposição didática oral; 2. Escrita de síntese;	<ul style="list-style-type: none"> • Escrita no quadro pela professora/ cópia no caderno pelos alunos;
01	Introdução à História - sentido do estudo da História	1. Exposição didática oral; 2. Escrita de síntese; 3. Tarefa de	<ul style="list-style-type: none"> • Escrita no quadro pela professora/ cópia no caderno pelos alunos; • Entrega da redação;

		casa: escrita de redação sobre vida do aluno.	
01	Introdução à História - fato histórico - marco histórico - linha de tempo: notações	1. Devolução da redação com comentários; 2. Exposição didática: Registro da linha de tempo de vida de cada um; 3. Exercício.	<ul style="list-style-type: none"> • Comparação discursiva: passado e presente em texto pessoal; • Notações específicas de linha de tempo; • Escrita no quadro pela professora/ cópia e realização no caderno pelos alunos;
02	Introdução à História - fato histórico - marco histórico - linha de tempo - cronologia	1. leitura comentada de trecho do L.D; 2. Escrita de síntese sobre o tema; 3. Exercício.	<ul style="list-style-type: none"> • Em voz alta, pelos alunos/comentários da professora; • Escrita no quadro pela professora/ cópia e realização no caderno pelos alunos;
01	Introdução à História - fato histórico - marco histórico - linha de tempo - cronologia	1. Correção de exercícios da aula anterior; 2. Exercícios.	<ul style="list-style-type: none"> • Escrita no quadro pela professora/ cópia e realização no caderno pelos alunos;

Aparentemente os tópicos e atividades das diferentes aulas não se relacionam, mas vemos que compõem um mesmo conjunto, uma mesma sequência didática. Repare que a professora realiza exposições, mas ao mesmo tempo, requisita atividades dos alunos que alimentam a continuação das aulas, para além de exercícios.

Em um enfoque problematizador, a sequência deverá também estabelecer pontes entre o passado e o presente, por meio de analogias bem controladas e problematizações de situações que parecem ter sempre existido, mas são históricas, ou seja, sujeitas à mudança, pela própria ação dos homens.

Vejamos um exemplo de tema desenvolvido na aula com essas características. Eis o quadro síntese de uma sequência sobre a chegada da Família real ao Rio de Janeiro, em 1808. Ela foi inspirada em uma imagem acerca da cidade portuária como porta de entrada e saída para o sertão,

presente em um livro paradidático.⁴ Repare que ela organiza um planejamento, não o registro de uma sequência didática já ocorrida, como no quadro anterior.

Tema: As portas de entrada e saída da cidade do Rio de Janeiro

Objetivo geral: *Refletir* sobre a cidade como espaço de circulação (produção, entrada e saída) de bens materiais e simbólicos. Será analisado o caso da cidade do Rio de Janeiro no contexto de chegada da família real (início do século XIX) e atualmente.

Problema: Todas as cidades são igualmente protegidas de influências externas? Como e o que circula entre elas? Através de que “portas”?

n. aulas	conteúdos	Procedimentos
2	<ul style="list-style-type: none"> • Circulação de bens na cidade ontem e hoje • Chegada da família real no séc. XIX 	<ul style="list-style-type: none"> • Conversa dirigida • Arrolamento de informações e questões • Exposição didática
1	<ul style="list-style-type: none"> • O espaço da cidade: no século XIX e hoje 	<ul style="list-style-type: none"> • Análise de planta da cidade no início do séc. XIX e atual. • Combinação de passeio e roteiro.
1	<ul style="list-style-type: none"> • Chegada da família real • Impacto sobre a população local: moradia, religião • tecnologia e meios de transporte (navios) • a arquitetura como fonte de informações 	<ul style="list-style-type: none"> • Análise de mapa • Visita à região da praça XV: antigo porto, porto atual, Paço, Museu Naval, igrejas, chafariz Mestre Valentim, subida da ladeira da Misericórdia, hospital da Misericórdia, atual Museu Histórico Nacional. • Comparação da arquitetura local (colonial, do início do século XX e atual)
1	<ul style="list-style-type: none"> • - 	<ul style="list-style-type: none"> • Registro de informações levantadas no passeio, a partir de fotografias de locais visitados; • Organização de simpósio/ seminário (pelos alunos) sobre diferentes transformações sofridas pela cidade no período de estada da família real.
2	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Transformações da cidade 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Simpósio/seminário (com análise e uso de imagens)
1	<ul style="list-style-type: none"> ▪ As portas se abrem e se fecham? A 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Exposição didática ▪ Leitura e estudo dirigido

⁴ Ver em de MATTOS, Ilmar Rohloff et al. *O Rio de Janeiro, Capital do Reino*. 3. ed. São Paulo: ATUAL, 1996. v. 1

	Família Real volta à Europa	
2	<ul style="list-style-type: none"> ▪ As portas da cidade hoje: ▪ O que se produz na cidade do rio de Janeiro, o que chega e o que sai? Por onde? ▪ Hoje nos afetam fatores internacionais? Do mesmo modo como acontecia naquela época? Quais? 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Leitura em dupla de reportagens e recortes de jornal, busca de respostas às questões colocadas; ▪ Discussão na turma

Destaco nessa seqüência a busca de interlocução entre a narrativa histórica relativa ao evento “Chegada da família real” e o tema da cidade (no passado e no presente) como porta de entrada e saída de bens materiais e simbólicos. Esse tema problematiza a narrativa, conferindo-lhe uma direção.

Enfatizando o caráter sequencial das aulas, bem como pensando no desenvolvimento do assunto em torno de objetivos de ensino-aprendizagem, propomos os seguintes princípios para as seqüências didáticas problematizadoras no ensino de história:

1. O conteúdo a ensinar/aprender tem pontos de maior dificuldade ou complexidade. É preciso que o professor realize uma análise da estrutura global desse conteúdo para, primeiramente, definir a relevância dos tópicos do conteúdo. Em segundo lugar, localizar esses pontos de maior complexidade, para então definir em que momentos da seqüência didática ele fará exposições didáticas; os alunos farão pesquisas de conhecimentos já estruturados ou analisarão documentos em busca de produzir conhecimento sobre a História e de tornarem-se melhores leitores de diferentes materiais;
2. Interessa ao professor criar problematizações que fomentem a reflexão sobre as questões enfrentadas pelos homens do passado – o que pode representar o fio condutor da seqüência

didática – e suas possíveis relações (de causalidade, de similaridade ou de diferença) com questões do presente, sem incorrer em anacronismo.

3. A História transita no campo da linguagem, interrogando-a – em suas diferentes formas de expressão – e produzindo o discurso historiográfico por meio dela. Assim, interessa dedicar especial atenção às diferentes linguagens (verbais e não verbais) que circulam na sociedade e que significam formas de apropriação do conhecimento histórico pelo aluno: documentação, patrimônio e museus, cinema, fotografia, entre tantos outros.

É evidente que esta proposta exige um professor extremamente atuante. Ele precisa planejar toda a sequência didática, e antes disso, analisar a estrutura do conteúdo quanto a sua complexidade para então decidir as seleções que irá fazer, o que destacará para realizar exposições didáticas, onde é cabível um debate ou discussão, como os alunos irão pesquisar a bibliografia, apresentando seminários ou analisando documentos. O professor precisa orientar a preparação dessas apresentações, bem como conduzir as análises de fontes e organizar o seu registro. É necessário avaliar o desenvolvimento da sequência, para corrigir o rumo do que estiver inadequado. Dessa maneira, a autoria da aula começa bem antes, em seu planejamento e nas escolhas, seleções, que o professor realiza sobre a tradição curricular.

No planejamento e realização de seqüências didáticas, uma das questões permanentemente postas pelos alunos do curso de história é de sua viabilidade em um contexto de carga horária reduzida para História, como componente curricular. As SDPs que temos elaborado, conforme é possível perceber pelo exemplo presente no anexo a seguir, de uma aluna do curso de Prática de Ensino, são relativamente extensas, comparadas à carga horária existente. Este problema me levou a considerar um aspecto já colocado anteriormente. A falta de foco no que é fundamental na seqüência didática. A tendência que tem se mostrado predominante é a de o aluno montar a seqüência com todo o conteúdo do período cronológico estudado. A proposta da seqüência não é essa e, sim, a partir da problematização, estabelecer o que é figura (relevante diante do problema examinado) e fundo (que passa a ser

secundário). A competência requisitada aí é a mesma do pesquisador diante do mar de informações que tem diante de si e que precisa estabelecer o que é relevante e que passa a ser “dado” da pesquisa. Outro aspecto a destacar na questão do tempo despendido na execução da seqüência é que ela inclui conteúdos antes não considerados, no que se refere à História do presente. Neste sentido, é preciso ter clareza que, se estão sendo tratados conteúdos antes não considerados, o tempo escolar será usado e o que resta é ter clareza da necessidade de seu uso.

Outro problema, diretamente relacionado ao primeiro, é a dificuldade de elaborar ou enxergar possíveis problematizações para a seqüência. Muitas vezes os alunos tendem a confundir a problematização com os objetivos. Além disso, no planejamento da seqüência, há a tendência de concentrar sobre o professor, em diferentes momentos, a transmissão das informações. Ou seja, em enfatizar os procedimentos expositivos feitos pelo professor. O que evidencia a tendência à permanência de um padrão que foi vivenciado pelo aluno, a aula expositiva.

Ainda em torno da mesma questão, uma condição necessária para o sucesso do planejamento de antever onde é possível e desejável dividir a tarefa de buscar/apresentar/organizar informações com os alunos é a análise da estrutura do conteúdo como um todo e em partes. Assim, a montagem de um mapa conceitual e/ou das estruturas substantiva e sintática, segundo Shulman, pode ser de valia para os alunos do curso de graduação em História e em outros cursos, de modo a perceber com antecedência tais características do conteúdo. Em síntese, compreendo que a análise da estrutura do conteúdo é um exercício necessário de ser realizado conjuntamente, em nossas disciplinas.

CONCLUSÕES PRELIMINARES

É possível pensar em alternativas interessantes e articuladas que envolvem professores e alunos no ensino de História.

Não necessariamente as práticas enraizadas na cultura escolar precisam ser abolidas, mas é possível transformá-las, em prol de uma aula de

história mais significativa. Alunos e professores das diferentes escolas podem elaborar e reelaborar o conhecimento histórico escolar que faz sentido em suas vidas. Uma alternativa possível são as sequências didáticas problematizadoras. E nelas, protocolos de aulas variados, com seu centro na atividade do professor ou do aluno, em um intercâmbio proveitoso para ambos.

Dessa maneira, propomos alunos e professores como sujeitos que podem fazer a história, inclusive de sua disciplina. Isso implica selecionar de uma tradição existente no ensino de história o que ela tem de melhor para o ensino e aprendizagem e criar novas tradições. Tal ambição pode contribuir para desnaturalizar uma imagem do ensino de história desconectado da realidade social de alunos e de professores, que realize um trabalho com a memória e a diversidade de alunos, professores e escolas brasileiras.

Compreendemos que as questões postas na realização da SDP evidenciam seu potencial problematizador para o próprio formador de professores de História, já que se cria ali um ambiente de questionamento das próprias bases da formação do professor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In _____(org.) .

A escrita da História: Novas Perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992.

_____. *A Escola dos Annales: 1929-1989*. São Paulo: Unesp, 1997.

CARDONA, F. Xavier Hernandez. *Didáctica de las Ciencias Sociales, Geografía e Historia*. Barcelona: Editorial GRAÓ, 2002.

GUIMARÃES, Arthur, O quebra-cabeça das modalidades organizativas, Rev. *Nova Escola*, Edição Especial, 01/2009 [citado 2009-10-12], Disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/planejamento-e-avaliacao/planejamento/quebra-cabeça-426234.shtml>

GRINBERG, Keila. et al. *Oficinas de História: Projeto Curricular de Ciências Sociais e História*. Belo Horizonte: Dimensão, 2000.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1992.

KNAUSS, Paulo. Sobre a norma e o óbvio: a sala de aula como lugar de pesquisa. In. NIKITIUK, Sonia L. *Repensando o Ensino de História*. São Paulo: Cortez, 1996.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: HISTÓRIA. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

ROCHA, Helenice Aparecida Bastos. *O lugar da linguagem no Ensino de História: entre a oralidade e a escrita*. Tese (Doutorado em Educação). Niterói, Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, 2006.

SHULMAN, L. Those who understand: Knowledge growth in teaching. In *Educational researcher* 15(2), 1989, p.4-14.

Anexo: Seqüência didática problematizadora

Tema: Reforma Urbana na Cidade do Rio de Janeiro

Objetivo Geral : Avaliar os interesses envolvidos em uma reforma urbana, enfatizando o lugar da população desprovida de recursos materiais e seu deslocamento das áreas centrais da cidade. Será analisado o caso da Cidade do Rio de Janeiro, na virada do século XIX par o XX, no panorama da Abolição da Escravatura, da Proclamação da República e nos dias atuais.

Nº aulas	Conteúdos	Procedimentos
2	<ul style="list-style-type: none"> • Abolição da Escravatura • Processo de implementação da Republica 	<ul style="list-style-type: none"> • Conversa Inicial • Leitura dirigida sobre a Lei Áurea • Leitura dirigida de artigos da imprensa do período • Exposição didática
2	<ul style="list-style-type: none"> • O Positivismo e as idéias de Ordem e Progresso 	Análise de fontes: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Avaliação do discurso oficial, através da apreciação dos depoimentos de membros do governo e da recém instaurada burguesia. • Observação de projetos de “embelezamento” da Cidade • Análise de depoimentos de Lima Barreto e João do Rio, enfocando a critica a “modernização” da cidade.
2	<ul style="list-style-type: none"> • A questão da saúde da cidade • O discurso dos higienistas 	<ul style="list-style-type: none"> • Exposição didática • Análise de cartazes, charges e artigos da imprensa da época.

2	<ul style="list-style-type: none"> • A questão da moradia: O contraste entre a Cidade Velha e a Cidade Nova • Reforma Urbana – Introdução 	<ul style="list-style-type: none"> • Análise da planta da cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX e atual • Análise de fotografias da época • Debate sobre os contrastes das condições de vida das camadas populares e das classes abastadas • Combinação de passeio e Roteiro
2	<ul style="list-style-type: none"> • Reforma Urbana • Mudança na paisagem da cidade • Impacto sobre a população local 	<ul style="list-style-type: none"> • Visita ao centro da Cidade do Rio de Janeiro: Paço Imperial, Rua do Ouvidor e adjacências, enfatizando os lugares onde a elite do Rio circulava no final do Império. • Visita ao Morro da Providência: Provável destino dos moradores do mais famoso cortiço da época: o Cabeça de Porco.
2		<ul style="list-style-type: none"> • Registro das informações levantadas no passeio a partir de fotografias e relatórios • Pesquisas em catálogos da cidade que registram onde se concentram os principais teatros e centros culturais da cidade • Debate a respeito do afastamento da população do centro da cidade
2		<ul style="list-style-type: none"> • Exercício • Preparação para confecção de um painel
2	<ul style="list-style-type: none"> • O progresso chegou para todo mundo? • Condições de vida da população • A situação da saúde pública • Como vivem os moradores das favelas, herdeiros dos cortiços do século XIX? 	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura dirigida de reportagens • Reflexão sobre os relatórios e as fotografias tiradas • Recuperação da pesquisa feita nos catálogos • Discussão em grupo • Montagem do painel